

NOVOS TRABALHOS

Confeitaria

Exposição Final dos Cursos:

Fotografia, Projecto e Arte Contemporânea

Com trabalhos de:

Alexandre Inglez, Catarina Loura, Nuno Barroso, Rafael Malhado e Sara Almiro

Curadoria: Ana Janeiro e Bruno Pelletier Sequeira

Projecto em Grande Formato

Com trabalhos de:

Alexandre Inglez, Fernando Brito, João Mota da Costa e Mercês Tomaz Gomes

Curadoria: Daniel Malhão

Novos Trabalhos é a mais recente exposição do Atelier de Lisboa e reúne trabalhos realizados em 2012/2013 na 3ª edição do curso Projecto, Fotografia e Arte Contemporânea com coordenação de Ana Janeiro e Bruno Pelletier Sequeira e a participação de António Júlio Duarte, Claudia Fisher, Jem Southam, José Luís Neto e Sandra Vieira Jürgens e trabalhos produzidos na 1ª edição do curso Projecto em Grande Formato orientado por Daniel Malhão.

A exposição realiza-se em Lisboa, num antigo edifício industrial do bairro de Alvalade. O espaço, parte das antigas instalações fabris da Confeitaria da Ajuda, recentemente desactivado do uso industrial, foi recuperado pelo Atelier de Lisboa para a realização da exposição.

Os trabalhos de recuperação da Confeitaria foram idealizados e dirigidos por José Guilherme Ribeiro (especialista em restauro de património histórico) e realizados por um grupo de voluntários do Atelier de Lisboa. A criação de condições para a realização da exposição e a preocupação com a preservação da identidade e memória do espaço foram centrais a todo o processo de restauro e reabilitação realizados.

Inauguração 7 de Dezembro de 2013, Sábado, das 17h às 20h

Exposição de 7 de Dezembro de 2013 a 31 de Janeiro de 2014

Local: Confeitaria, Rua João Saraiva, 28, Lisboa

Quarta a Sábado: 15h00-19h30 Encerra: Domingo a 3ª Feira e nos dias 25 e 26 Dezembro; 1 e 2 Janeiro

Fotografia, Projecto e Arte Contemporânea

Curadoria de Ana Janeiro e Bruno Pelletier Sequeira

ZOO Alexandre Inglez

ZOO foi um trabalho desenvolvido nos Jardins Zoológicos de Lisboa e Madrid, no âmbito do Curso de Fotografia, Projecto e Arte Contemporânea do Atelier de Lisboa. Se, por um lado, existe da parte dos conservacionistas uma espécie de “eco centrismo”, que imagina a natureza em oposição à humanidade, assinalando-se regularmente o “fim da natureza” à mínima presença do homem; por outro lado, assistimos à promoção, pelos mesmos, de jardins zoológicos no seio das grandes urbes; espaços “naturais” ilusórios, onde animais dos mais diversos ecossistemas se amontoam em bizarras construções para contemplação de milhares de visitantes. Esta estranha dicotomia por parte de muitos defensores da natureza, fez-me avançar para este trabalho, onde tentei visualmente reflectir sobre a forma como um dos putativos “baluartes” da conservação das espécies, não passa de um circo onde se expressam todas as contradições e poder das sociedades ocidentais contemporâneas. As imagens da série ZOO, foram realizadas ao longo de 2013 com câmara digital de médio formato. O trabalho teve a coordenação, edição e apoio de António Júlio Duarte. Esta exposição mostra 13 imagens da série ZOO.

Alexandre Inglez, nasceu em Lisboa em 1959, cidade onde vive e trabalha. Licenciado em Antropologia pelo ISCTE-IUL, é pós-graduado em Multiculturalismo e Identidades e Culturas Visuais Digitais pela mesma instituição, e em Antropologia - Culturas em Cena e Turismo, pela FCSH-UNL. Tirou o Curso Profissional de Fotografia no IPF, o Curso de Fotografia, Projecto e Arte Contemporânea, bem como o Curso de Grande Formato no Atelier de Lisboa. Actualmente é mestrando em Arte Multimédia, variante de fotografia, na FBAUL.

Natureza Morta / Poder Catarina Loura

Estes dois trabalhos são da série de memória pessoal multidimensional que desenvolvo. Encenando objectos que pertencem à história de uma casa centenária de família, onde vivo nos dias de hoje, construo uma sociedade portuguesa fantasma. São dois trabalhos individuais que formam um casal. A Natureza Morta é um trabalho que identifico pela sua feminilidade, o Poder pela masculinidade. Ambos falam do seu tempo social e transportam até hoje os meus antepassados, ajudando-me a construir a minha identidade. Os botões, guardados de velhos casacos, camisas ou fardas, esperaram décadas pelas mãos bordadeiras, que os fariam renascer noutras peças de roupa. É poesia pensar nos dedos familiares, que com movimentos finos utilizaram estes botões, transportando-os pelas ruas por onde passearam, nos bailes onde dançaram. Herdei-os numa velha caixa de metal. Os colarinhos, com formas diferentes, marcavam as ocasiões de uso dos pais e avôs; festa, reunião de trabalho ou um mero cocktail de fim de tarde guardado apenas para alguns. Definiam visualmente a hierarquia de poder de cada pessoa e espelhavam a luta masculina de carregar a família para um degrau acima. Estavam identificados, numa caixa de papel, pelo nome dos meus familiares, correspondendo a várias gerações.

O que seríamos sem memória? Um aglomerado de órgãos fisiologicamente e biologicamente perfeitos, com funcionamento físico-químico milimétrico. Um aglomerado de células definidas, pela exaustão da espécie humana, à medida que consegue descobrir instrumentos que veem o invisível e partem o indivisível. Em perspectiva somos mais. Somos o que fomos para além do que seremos. Carregamos a genética dos que dançaram com esses botões, dos que lutaram com esses colarinhos. E no fim de tudo é pura poesia sentir.

Catarina Loura nasceu em 1975. Iniciou os seus estudos em fotografia no Atelier de Lisboa em 2006. Participou na colectiva “Projecto Alvito” onde expôs o trabalho “MUTE”. Tem desenvolvido trabalho na área de memória e auto-representação. Para além da fotografia, trabalha como fisioterapeuta na Fundação LIGA em neurologia pediátrica.

O JARDIM DE ABY // O FAROL Nuno Barroso

Nesta exposição apresento dois trabalhos. Ambos estão relacionados com experiências em torno de dois espaços e constituem uma interpretação pessoal de pequenos acontecimentos. Num a morte e queda de uma árvore, no outro a rotina e o ambiente que antecede o acender de um farol. O Jardim de Aby é fruto de uma coincidência. Quando visitei a Casa Warburg em Hamburgo, antiga casa e biblioteca de estudos culturais criada por Aby Warburg nos anos 20, deparei-me com o facto de que a árvore mais antiga do seu jardim, um enorme plátano canadiano, tinha caído

sobre o jardim e algumas partes da casa, fazendo pequenos estragos e gerando um ambiente de destruição. A primeira vez que visitei a casa, fi-lo por mera curiosidade. Fi-lo como um turista interessado. Mas quando vi o cenário criado no jardim decidi explorar aquele contexto. Fotografei diariamente os pequenos padrões que surgiam e que se iam modificando à medida que a árvore era removida pedaço a pedaço, bem como os traços principais causados pelo acontecimento: a fractura, a destruição, o processo de corte e remoção.

O Farol surgiu de uma experiência de observação anterior na qual pequenos relâmpagos de luz permitiam ver por fracções de segundo as árvores, a estrada, os postes de electricidade e a paisagem circundante junto a um farol. A partir desta imagem, e na preparação de uma residência com Jem Southam no Alentejo em Maio passado, decidi trabalhar sobre um outro farol, o do Cabo Sardão. Como não tinha relação com o espaço aproximei-me dele gradualmente. A primeira noite dormi numa falésia de onde se podiam ver os clarões do farol. No segundo dia dediquei-me a investigar o ambiente envolvente e, no terceiro dia, filmei a estrutura óptica que constitui o corpo fundamental do farol. Sendo este o único farol em Portugal cuja torre está orientada para Terra e não para o mar, há um simbolismo poético associado a esta arquitectura que me interessava explorar. Como se este farol, para além da sua função original, cumprisse também a função de nos iluminar e guiar em Terra.

Nuno Barroso, Castelo Branco 1981. Formado em Engenharia do Ambiente pela Universidade Nova de Lisboa. Em 2010 e 2011 estuda fotografia com o colectivo Kameraphoto. Em 2011 é seleccionado para uma residência na Ucrânia organizada pela Izolyatsia Foundation em parceria com Boris Mikhailov. Em 2012 integra por 5 meses a residência da Fundação Armando Álvares Penteado em São Paulo, Brasil. Durante 2012 e 2013 estuda no Atelier de Lisboa no curso de Fotografia, Projecto e Arte Contemporânea. Actualmente encontra-se a frequentar o módulo de projecto anual do Atelier de Lisboa orientado por António Júlio Duarte.

Os dias lentíssimos... sem ninguém Rafael Malhado

Após tomar contacto com O Medo de Al Berto, revela-se a necessidade de criar um corpo de imagens baseado no universo emocional deste poeta.

Este foi o ponto de partida de um projecto fotográfico de carácter simbólico que, se numa primeira fase consistia num conceito de flânerie urbana não balizada, rapidamente sentiu a importância do território para a sua plenitude. Inicia-se nesta fase um ciclo de imagens captadas territorialmente na vila de Sines, espaço que foi encarado como um elemento testemunhal e não como cenário base a um levantamento fotográfico. Nasce uma série fotográfica composta pela complementaridade evolutiva desses dois períodos de captação de imagens.

No decorrer do processo criativo, com o evoluir da densidade na abordagem pictórica e da resposta sensitiva ao livro mater bem como ao importantíssimo registo auditivo de partes do mesmo, matura-se a necessidade de dar resposta a duas naturezas diferenciáveis da obra adquirida. Se por um lado a partilha desta passava por uma revelação figurativa num espaço expositivo, por outro surgia a necessidade de intimidade transposta das peças livro, curiosamente a reinterpretação mimética do arquétipo de todo o projecto... o início e fim deste... o livro.

Rafael Angelo dos Santos Malhado nasceu em Lisboa, Portugal em 1973. Desenvolve toda a sua actividade profissional como Arquitecto até 2009. Decide então dedicar-se exclusivamente à Fotografia e muda-se para Cascais onde reside e trabalha actualmente.

Passo a passo Sara Almiro

Passo a passo é um trabalho que resultou de uma residência artística com Jem Southam no Alentejo. Interessou-me a ideia do fotógrafo enquanto caminhante, explorador geográfico, que percorre um caminho num determinado lugar e se deixa envolver e absorver pela paisagem, relacionando-se com ela como um caçador de borboletas, que capta o que lhe chama a atenção e que se perde nesse processo.

O trabalho foi desenvolvido em duas fases. A primeira de procura e descoberta do lugar, encontrando objectos de madeira, troncos caídos, estruturas com várias funções ou fogueiras prontas a acender, que estavam mais ou menos escondidos pela natureza. A segunda fase surgiu de um pequeno gesto, o afastar de um tronco para prosseguir caminho, gesto esse que deu origem a acções directas sobre a paisagem, como o despir de um eucalipto ou o subtil sopro de um dente de leão.

Estes dois momentos de trabalho expressam relações diferentes com a paisagem e ambos implicam uma interacção com ela. Uma de encontro, de observação e escuta, em que de certa forma se regista esse diálogo e, outra, de ordem e construção, de intervenção, numa relação de proximidade entre dois elementos que se alteram mutuamente.

Sara Almiro nasceu em Viseu em 1981. Vive e trabalha em Lisboa. É licenciada em Psicologia Clínica pelo ISPA desde 2005. Em 2006 frequentou os cursos técnicos de fotografia do Cenjor. Terminou o Curso Avançado de Fotografia do Ar.co em 2010, e participou no Curso Experimental de Arte Contemporânea MobileHome em 2009 e em 2011. Frequenta o Curso Anual de Fotografia, Projecto e Arte Contemporânea do Atelier de Lisboa. Em 2005 ganhou o 3º prémio do concurso de fotografia “Um certo olhar” do BES. Participou nos Jovens Criadores em 2007 e nas seguintes exposições colectivas: Open Studio do Ar.co em Almada, 2009; MobileHome em Loulé, 2009 e 2011; “Báltica-Atlântica” e “Colectiva de Verão” no Porto, na exposição de Finalistas do Ar.co em Lisboa e na exposição “Aproximação ao Lugar” em Loulé, 2011; na 7ª Bienal de Arte Jovem de Vila Verde, 2012; na exposição “Ciência e Arte” no Museu Nacional Soares dos Reis, 2013. Em 2011 realizou uma residência artística na Casa Amarela no Porto.

Projecto em Grande Formato

Curadoria de Daniel Malhão

ZILS Alexandre Inglez

ZILS foi um trabalho realizado na Zona Industrial Ligeira de Sines, no âmbito do Curso de Grande Formato do Atelier de Lisboa, com uma intenção meramente documental. As oito imagens expostas parecem atestar o vigor industrial de Sines, porém, escondem do espectador uma inquietante degradação das condições sociais e laborais em que a zona está mergulhada. O confronto com esta realidade, fez-me duvidar a certa altura, da pertinência documental das mesmas e pensar na decisiva importância que adquire, neste tipo de contextos, a edição fotográfica. Porém, como diz Daniel Malhão as imagens têm que valer por si e não pelas hipotéticas narrativas e conceitos a elas supostamente associados. Deixo assim ao espectador a escolha do critério de leitura para estas oito imagens que vos mostro. As imagens da série ZILS, foram realizadas ao longo de 2013, com câmara de grande formato e película. A edição, coordenação e apoio estiveram a cargo de Daniel Malhão. Esta exposição mostra 8 imagens da série ZILS.

Alexandre Inglez, nasceu em Lisboa em 1959, cidade onde vive e trabalha. Licenciado em Antropologia pelo ISCTE-IUL, é pós-graduado em Multiculturalismo e Identidades e Culturas Visuais Digitais pela mesma instituição, e em Antropologia - Culturas em Cena e Turismo, pela FCSH-UNL. Tirou o Curso Profissional de Fotografia no IPF, o Curso de Fotografia, Projecto e Arte Contemporânea, bem como o Curso de Grande Formato no Atelier de Lisboa. Actualmente é mestrando em Arte Multimédia, variante de fotografia, na FBAUL.

VÁRZEA Fernando Brito

O projeto fotográfico VÁRZEA aparece na sequência do trabalho anterior, AUGI 12 e constitui o 2º capítulo da exploração da carta topográfica nº 454, a qual é limitada a Norte pela A2 e a Sul pela Serra Arrábida e pelo Rio Sado. A chamada Várzea de Setúbal, corresponde na realidade uma faixa de terrenos agrícolas com início no sopé da encosta Sul do morro de Palmela e se estende até á cidade de Setúbal. A exploração agrícola que nela se desenvolveu constituiu, até umas décadas atrás paralelamente com as atividades piscatórias ligadas ao Rio Sado e ao mar, uma das fontes de riqueza e prosperidade da zona de Setúbal. No final dos anos 60 a expansão urbana desenfreada em parte potenciada pela construção da ponte sobre o Tejo, o êxodo rural e a industrialização conduziram a mudanças radicais no paradigma do desenvolvimento económico e consequentemente na utilização e ocupação do território. A expansão da cidade de Setúbal, fez-se, parcialmente, á custa da ocupação de terrenos agrícolas pertencentes á Várzea. Restou uma estreita faixa de terrenos, que corresponde a uma zona mais alagadiça, resultante das escorrências provenientes da Serra Arrábida, onde a construção não é (ainda) viável. O que proponho com este projeto fotográfico é uma deambulação por este território confinado e cercado pelo avanço urbanístico. Há, no entanto, algo latente neste lugar . Algo que me impede de pensar que se trata de um lugar em decadência ,mas que antes me faz sentir que estou num lugar em espera, antes da próxima transformação.

Nasceu em Luanda a 08 Julho 1963 Estudou fotografia na A.P.A.F. entre 1992 e 1994. Após vários anos de interrupção, entre 2009 e 2011 frequentou vários cursos e workshops no Atelier de Imagem. Posteriormente, em 2011 ingressou no Atelier de Lisboa no qual desenvolveu três projetos fotográficos : STILL em 2011/2012, com José Pedro Cortes no Curso de Construção de um Livro de Fotografia, AUGI #12 com Paulo Catrica no Curso Projeto em 2012 e Várzea com Daniel Malhão no Curso Projeto em Grande Formato entre 2012 e 2013. Participou na exposição *4 Projetos 44 semanas 88 horas* no Pavilhão Preto do Museu da Cidade em Lisboa entre 17/3/ e 28/03/2013, com o projeto AUGI#12. Frequenta atualmente o Curso Projeto com António Júlio Duarte no Atelier Lisboa.

Lisboa Oriental João Mota da Costa

As facilidades tributárias concedidas às lojas de comércio chinesas que se instalem em Portugal, assim como a compra e importação de grandes quantidades dos produtos a serem comercializados, permitem ao comércio Chinês em Portugal praticar preços muito competitivos. Esta competitividade em relação a produtos vendidos normalmente pelo nosso comércio tradicional veio agravar uma crise de sustentabilidade desse tipo de comércio, já por si debilitada pela competitividade dos centros comerciais e pela crise económica que o país atravessa. Por outro lado, essa mesma competitividade de preços vem proporcionar que as famílias portuguesas mais desfavorecidas possam beneficiar de artigos semelhantes a preços mais baixos do que os praticados pelo nosso comércio tradicional, beneficiando assim um cada vez maior número de famílias empobrecidas pela crise económica. Não pretendo neste trabalho fazer uma análise deste duplo efeito (prejudicar comércio versus beneficiar população) apenas constatar o crescente aumento do número de lojas chinesas na cidade de Lisboa, onde habito. Das novas 24 freguesias da capital, apenas uma não tem neste momento uma loja chinesa, apenas um cartaz indicativo do local onde existiu antes de abrir falência, por não utilização pela população local. Nas restantes 23 freguesias existe pelo menos uma, notando-se uma maior proliferação em bairros onde os habitantes são predominantemente de uma classe média ou média baixa mas ainda com poder de compra e uma menor implantação nos bairros mais pobres onde o poder de compra é difícil mesmo para o comércio chinês e também nos bairros das classes mais ricas em que este tipo de comércio não será tão atractivo.

João Mota da Costa (1954), médico especialista em cirurgia plástica e reconstrutiva, na área de cirurgia da mão. Autodidata, desenvolveu a sua cultura fotográfica através de exposições e livros dos mestres da fotografia (Antoine D'Agata, Helmut Newton, JH Engstrom, Jeanloup Sieff, José Manuel Ballester, Jorge Molder, Miroslav Ticky, Paulo Nozolino, Raymond Meeks, ...). De 1984 a 1993 ganhou prémios de fotografia, participou em exposições colectivas e publicações. Nos últimos anos decidiu produzir trabalho de autor e estudar fotografia no Atelier de Lisboa com os professores António Júlio Duarte, Bruno Pelletier Sequeira, Bruno Santos, Claudia Fischer, Daniel Malhão, José Carlos Duarte, José Luís Neto, José Pedro Cortes, Paulo Catrica e Valter Ventura. Realizou em 2010 e 2011 a exposição individual "abstrações" na Galeria Arthobler e na Galeria Novo Ciclo Acer em Tondela. Em 2011 obtive o 1º Prémio do Hospital CUF Descobertas, com o livro "Com uma máquina fotográfica descartável escondida na bata". Participou em 2012 e 2013 nas Leituras de Portfólios no laboratório de fotografia CDAP (Carpe Diem) e nos International Photography Award Emergentes DST nos Encontros da Imagem de Braga .

Exposição colectiva, no Pavilhão Preto do Museu da Cidade, "4projectos #44semanas #88horas" de 16 a 23 de Março de 2013 do Curso de Projeto com Paulo Catrica, do Atelier de Lisboa de 2012, com "Lunch Time Affair – Chapter I (ten rooms for sex)", e exposição individual na Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva de 13/09 a 27/10 de 2013, integrada nos Encontros da Imagem de Braga de 2013.

Quatro Dobras Mercês Tomaz Gomes

Quatro Dobras é o primeiro acto de um trabalho sobre um espaço e os seus objectos. É um lugar familiar, e sempre foi para mim, um lugar de trabalho ... ao ar livre durante todas as estações do ano.

Mercês Tomaz Gomes, Lisboa 1977. Licenciou-se em arquitectura em 2000. Durante 2001 trabalhou no atelier do arquitecto João Pedro Falcão de Campos, e no ano seguinte estudou na European Film School, Dinamarca. Entre 2004 e 2005 viveu em Mumbai, Índia onde desenvolveu, produziu e realizou o documentário *A Ilha da Boa Vida*. O documentário baseado numa técnica de sequências de fotografias em 35mm competiu em festivais nacionais e internacionais e recebeu o prémio para melhor Documentário Experimental no Festival Internacional do Documentário de Barcelona DOCUPÓLIS 07 em 2007. Entre 2009 e 2011 frequentou o curso de fotografia no Ar.co e participou em duas exposições colectivas (no Ar.co) e uma exposição individual *Um Tempo* (2011). Em 2012/13 no Atelier de Lisboa, desenvolveu um projecto em fotografia de grande formato sob a orientação de Daniel Malhão. Vive e trabalha em Lisboa.

Fotografia, Projecto e Arte Contemporânea

Alexandre Inglez

ZOO

Sem título: # 1 a # 13

Todas as imagens 66 x 100 cm

Impressão digital com tintas pigmentadas sobre papel de algodão

Catarina Loura

Natureza Morta / Poder, 2013

Natureza Morta, 60 x 40 cm

Poder, 45 x 30 cm

Impressão em Fine Print colada em PVC

Nuno Barroso

O Jardim de Aby // O Farol, 2013

O Jardim de Aby, Dimensões variáveis

Provas em papel impressas a jacto de tinta

O Farol, 50 x 60 cm

Impressão jacto de tinta

Vídeo HD, Cor, Som, 14'47''

Rafael Malhado

Os dias lentíssimos... sem ninguém

Sem título

40 x 26,6 cm, 45 x 30 cm e 35 x 35 cm

Impressão jacto de tinta sobre papel de fibra

Sara Almiro

Passo a Passo

Todas as imagens sem título

3 imagens com 64,6 x 64,6 cm, 9 imagens com 49 x 49 cm e 4

imagens com 33,2 x 33,2 cm

Impressão jacto de tinta sobre papel Fineart montado em pvc de 3mm

Projecto em Grande Formato

Alexandre Inglez

ZILS

Sem título: # 1 a # 8

Todas as imagens 85,6 x 107 cm.

Impressão digital com tintas pigmentadas sobre papel de algodão

Fernando Brito

VÁRZEA, 2013

Títulos: Varzea#6, Várzea#7, Várzea#11, Várzea#17,

Várzea#18, Várzea#29, Várzea#30 e Várzea#34

Todas as imagens 80 x 64,5 cm

Impressão jacto de tinta sobre papel Fineart com colagem em PVC

João Mota da Costa

Lisboa Oriental, 2013

Títulos: Loja 1, Loja 2, Loja 3, Loja 4, Loja 5, Loja 6, Loja 7, Loja

8, Loja 9, Loja 10, Loja 11 e Loja 12

Todas as imagens 60 x 48 cm

Técnica: Analógica, formato 4x5 em Velvia 100

Impressão Lambda com montagem Diasec

Mercês Tomaz Gomes

Quatro Dobras, 2013

A Mesa Branca, a Terra e as Folhas 125 x 100 cm

Impressão com tintas pigmentadas sobre papel de algodão

Ensaios:

4 Dobras 55 x 44 cm

Escadote sobre branco 75,5 x 59,5 cm

2+2+2 75,5 x 59,5 cm

5 Ensaios da Série *Negativos*:

27 x 21,5 cm

Impressão jacto de tinta sobre papel photo com montagem em contraplacado de 5mm e 10mm

Organização: Atelier de Lisboa

Parceria: Confeitaria

Direcção de Trabalhos de Restauro: José Guilherme Ribeiro

Participantes nos trabalhos de restauro e adaptação do espaço

Alexandre Inglez, Ana Janeiro, Ana Loff, Anafáia Supico, Bruno Pelletier Sequeira, Catarina Loura, Fernando Brito, João Mota da Costa, José Guilherme Ribeiro, Laura Lourenço, Luís Meirinhos-Soares, Manuel Duarte, Noémie Boulon, Nuno Barroso, Paulo Mainha, Rafael Malhado, Sandra Lourenço e Sara Almiro

Agradecimentos especiais

Ana Loff, Joana Henriques Sequeira, José Guilherme Ribeiro, Laura Lourenço, Luis Matos Pires, Manuel Duarte, Maria Virgínia Figueira e Rafael Malhado

Agradecimentos

Alexandre Inglez, Anafáia Supico, António Bettencourt, Arménio Gomes, Atelier de Lisboa, Bruno Pelletier Sequeira, Daniel Malhão, Direcção Geral de Faróis – Marinha Portuguesa, Ms. Eva Landmann e a Warburg Haus Hamburg, Fernando Brito, João Mota da Costa, Kristoffer Sandberg, Leonor Macmilan, Mercês Tomaz Gomes, Noémie Boulon, Luís, Meirinhos-Soares, Paulo Mainha, Sandra Lourenço

Organização:

 atelier de lisboa